

# UM AMOR EM SEGREDO

TEXTO | JAQUES MACHADO e KÁSSIA SOUZA. FOTOS | ALESSANDRO OLIVERI e JAQUES MACHADO

**N**ove da manhã. O silêncio tradicional do domingo é interrompido por duas generosas buzinas, que só perdem para o som da chuva torrencial que cai. De dois em dois finais de semana, a rotina da buzina se repete. É a forma que o patriarca da família escolheu para anunciar a chegada aos filhos Jonas, Simão e Volmir. No caso de Volmir, a ligação consanguínea é substituída pelo intenso laço de amor de quem criou três filhos sem fazer diferença. Todos os domingos, os filhos recebem João\* com a mesa do café posta. Um abraço e um beijo são os primeiros gestos. Um por um, João aconselha. Ajuda a resolver os problemas. E comemora em meio a suaves gargalhadas. "Pronto, agora que já resolvi os pepinos de todo mundo, posso tomar um café." A matriarca é Iraci, uma senhora vaidosa, com sorriso fácil e olhos que guardam um brilho permanente de quem se emociona por qualquer motivo. O relacionamento de Iraci e de João foge dos padrões que estão em nosso imaginário. Ela e os filhos fazem parte da segunda família de João. A primeira sequer imagina a existência da outra. E há mais de 20 anos é assim.

## Tudo começou...

Sentados em um colchão disposto no chão, no quarto de Jonas, o filho do meio, Iraci concorda em contar sua história. A vergonha foi a primeira particularidade daquela senhora de 52 anos. As lágrimas escorrem pelo rosto emocionado de quem está prestes a acionar lembranças guardadas a sete chaves. Iraci nasceu na cidade de Iraí, em 1957, no Alto Uruguai. Ela é

a sexta de dez filhos. Criada na roça, ao invés de brinquedos, Iraci carregava uma enxada para capinar a terra onde germinava o sustento da família. A dureza da vida se refletia nos olhos e nas atitudes dos pais. Iraci não conheceu o abraço paterno, tão pouco o beijo materno. Em meio à falta de escolhas, apegou-se à primeira que surgiu. Fugiu com o primeiro namorado para o Paraná.

Aos 16 anos, sentiu no corpo o poder de gerar uma vida. Esperava o primeiro filho. Aos sete meses de gravidez, resolveu voltar à família no Alto Uruguai para contar sobre a gravidez. Ao retornar para o Paraná, Iraci descobriu que o destino forjara a sua felicidade. A casa, as roupas dela, as roupas do bebê, tudo havia sido vendido pelo ex-companheiro. O desejo de construir uma família se transformara em pesadelo. O que restara daquele sonho de fuga era o filho que carregava no ventre. Com o peso da gravidez e da desilusão de um amor mentiroso, a menina em corpo de mulher voltou para a casa dos pais. As tristezas da vida encontraram refúgio no coração dos pais de Iraci, mas ela, a filha, não. O peso social de uma filha grávida e solteira era demais para eles. Foi em uma pensão, na cidade natal, que Iraci encontrou um lar. Lá, os sonhos de menina se misturaram com as responsabilidades de uma mulher prestes a parir. Em meio às roupas que esfregava, ao chão que limpava, Iraci sonhava. Queria ser alguém. Queria um amor. Queria uma família unida. Mas o destino parecia não ser generoso com os desejos de Iraci. Aos 16 anos deu à luz. Sentiu nos braços a leveza da própria carne. Com a roupa do

Iraci e João  
construíram  
uma família  
unida pelos  
laços de uma  
relação secreta





Jonas (à direita) tem respeito por tudo o que a mãe viveu

corpo e uma trouxa com duas roupinhas de bebê, que ganhou no hospital, Iraci caminhou. Durante três quilômetros, a jovem transitou sem rumo. O destino roubara os sonhos de Iraci. O destino dera a Iraci um filho.

Em meio à dor de um corpo que havia recém parido, uma vaga lembrança guiara a menina à casa de um cunhado. Lá, conseguiu um abrigo com prazo de validade. Poderia ficar por dois anos. Ao término do prazo, Iraci teria duas escolhas – carregar o filho pelo mesmo caminho sem destino, ou voltar a trabalhar na pensão, só que sem o filho. Nesse momento, os pais de Iraci deram uma trégua às mágoas da vida. Aceitaram criar Volmir enquanto Iraci trabalhava na pensão. O retorno ao antigo trabalho reservava uma mudança profunda na vida da menina. Porto Alegre seria o rumo da jovem, na casa de uma família que um morador da pensão conhecia. Novamente, Iraci teria de escolher – ficar na pensão, vendo o filho com regularidade, ou ir para a capital, tentar a sorte de construir uma vida melhor para ambos. O trabalho de doméstica não permitiria que levasse o primogênito. O destino partira o coração de Iraci, que deixou metade dele em Iraí, com Volmir. Foi para Porto Alegre, em busca do sonho que o destino tirara – dar à criança a dignidade que ela não teve.

### Um recomeço

Depois de um ano e meio na capital, Iraci começou a trabalhar na casa de duas senhoras. Uma mudança que transformaria o destino da jovem. Iraci descobriria

um sentimento novo. Descobriria a paixão, que se chamava João. Militar aposentado, João era 20 anos mais velho que Iraci. Tinha uma vida estabilizada e era marido de uma amiga das senhoras para as quais Iraci trabalhava. Em uma das visitas do casal às senhoras, João foi apresentado à jovem. Dela, não tirou os olhos durante todo o tempo em que ali esteve. A graciosidade da menina também prendera os olhos do filho do aposentado. Percebendo o interesse do filho, João tratou de se aproximar daquela menina. Logo, as visitas passaram a ser frequentes e, inclusive, sem a presença da esposa. “Ele era alto, forte, bonito. Ai, ele era muito lindo”, lembra Iraci, com o brilho envergonhado daquela adolescente apaixonada que vislumbra na memória.

A paixão por João era recíproca. Os encontros passaram a ser fora do ambiente onde ela trabalhava. O sentimento alimentado pelos dois começou a despertar a desconfiança das donas da casa. Foi então que João decidiu: Montou um apartamento para Iraci. Um local onde ele passaria os dias ao lado dela e, às noites, reservaria à família da qual ele jamais se desvincularia. João era mais do que uma paixão para Iraci. Foi quem devolveu os sonhos que o destino havia boicotado dela. Agora, Iraci tinha uma casa, onde poderia criar o filho que deixara em Iraí. Aprendera a costurar em um curso pago por João. A vida nova dera mais dois filhos a ela, Jonas e Simão. Uma história secreta aos olhos da socie-

dade. Um marido com quem não podia dormir à noite, mas com quem, durante o dia, matava as saudades da madrugada solitária. O avesso da vida de Iraci não a incomodava, afinal, ela dera uma rasteira nas trapaças da vida. Aos poucos, costurava os remendos de vida que o destino rasgara.

Todas as manhãs, o pai acordava os filhos. Levava e buscava os meninos da escola. No final da tarde, retornava para a família "oficial". Uma vida que para Jonas, Simão e Volmir era absolutamente normal. "A gente cresceu sabendo que o pai tinha outra família. O fato de ele não dormir lá em casa com a gente era comum, porque foi sempre assim, desde que a gente se conhece por gente", conta Jonas. Foram 15 anos vividos assim. De costureira, Iraci passou a ser empresária. Começou a administrar uma lancheria, que João a ajudara a montar. O que Iraci não imaginava é que o destino continuaria trabalhando na contramão de sua vida. Dessa vez, para dar-lhe algo que ela não conhecia – uma vida comum.

A assiduidade de um dos clientes era acompanhada de galanteísmos que, aos poucos, conquistaram a mãe de Jonas, Simão e Volmir. Aos 35 anos, Iraci começa, mais uma vez, a construir uma nova vida. Agora, com alguém que dormia e acordava ao lado dela. O relacionamento durou sete anos, período desafiador principalmente para Jonas. "No início eu não aceitava ver a minha mãe com outro marido. Eu tinha medo que o meu pai nos deixasse pela outra família dele. Mas foi bem o contrário. O pai passou a nos ver só aos finais de semana, mas a presença dele sempre foi constante."

### O que é família?

"Eu nunca tive amor dos meus pais. Eu não sabia o que era um abraço. Eu não sabia o que era um beijo. Eu aprendi isso com o pai dos meus filhos", desabafa Iraci, entre lágrimas e pequenos soluços. Aos 24 anos, Jonas explica com simplicidade: "Família é responsabilidade. É cuidar de um do outro. E foi sempre assim na nossa família." O conceito é semelhante ao citado pelo professor do curso de pós-graduação em Sociologia da Unisinos José Luis Bicca de Mello. "Trata-se de um espaço plural de vínculos afetivos", afirma Bicca, acrescentando que esse espaço pode ser formado por apenas uma mãe, um pai, ou duas pessoas de um mesmo sexo. O sociólogo lembra que desde os anos 60, com os movimentos de contra-cultura, feministas e de liberdade do corpo, não se admite apenas um padrão de família. Aquela imagem de pai, mãe e filhos está hoje somente em nosso imaginário. "Os arranjos familiares deixaram de ser formados por vínculos religiosos ou pelo simples motivo da reprodução humana e evoluíram para a dimensão afetiva", conclui.

Leila Suslick, assistente social e terapeuta de família, analisa que o fato de João constituir uma segunda família possa estar ligado à necessidade do prazer e da satis-

fação de ter esse ambiente afetivo, ou seja, suprir uma necessidade que talvez não aconteça na primeira família, que mantém por tradição, por um status na sociedade.

Quando Iraci pensa qual foi o encontro mais emocionante que a vida lhe proporcionou, ela não hesita: "O reencontro com o filho mais velho, quando João me deu o apartamento". E quanto à despedida mais intensa da qual tem lembranças, ela fala do dia em que terminou a relação de 15 anos com João. O destino, por um lado, foi cruel com o coração de Iraci. Por outro, acabou sendo generoso com sua vida.

No rosto da mulher de 52 anos, a sinceridade de uma saudade que não pode ser saciada. Uma saudade que ficou no passado. "Eu aprendi muito com a pessoa com quem vivi durante sete anos. Mas, se eu pudesse voltar no tempo, eu não teria feito essa escolha". Nesse momento, as palavras fogem e as lágrimas escorrem pelo rosto. "João me deu a minha família. Se eu puder ver meus filhos felizes, meus netos crescidos, eu posso morrer feliz."

---

(\*) O nome foi trocado

## IMPRESSÕES DE REPÓRTER

Foi debaixo de uma forte chuva, em um sábado à noite, que começamos a nossa jornada ao encontro dos personagens dessa história. Saímos de Porto Alegre no final da tarde, após termos nos dado conta de que havíamos esquecido o gravador para arquivarmos as entrevistas. Chegamos a Alvorada, na casa de Iraci, encharcados dos pés a cabeça. Com gentileza, a dona da casa nos convidou para jantar e também ofereceu pouso para aquela noite. Sucumbidos ao cansaço, aceitamos o convite e combinamos de conversarmos no domingo pela manhã. O que parecia uma invasão de intimidade se transformou em uma oportunidade de nos inserirmos na rotina da família e melhor entender a relação de carinho e respeito que cultivam entre si. Depois de todas as conversas e percepções, nos demos conta de que a pauta inicial "encontros secretos" teria que ser "derrubada", segundo o jargão jornalístico. O inusitado daquela história não é um segredo mantido por eles, mas sim o fato de que ser a família "não oficial" revela um modelo familiar diferente, compreendido com dificuldade pela sociedade atual, mas que em nada interfere na relação de afeto entre pais e filhos. Fica a lição de abriremos a nossa mente e libertarmos nosso imaginário de estereótipos e preconceitos.